

Dyl Pires

O torcedor

se passaram vinte e quatro anos
depois que o autor de *os conjurados* morreu
tanto naquela época quanto agora
a poucas horas da missa de sétimo dia de Johnny Alf
o mundo não entristeceu
o mundo nunca entristece
com desaparecimentos assim
matheus sim
matheus sim sempre
o mundo não
o mundo não nunca
os conjurados de agora
estão aqui em botafogo
assistindo *o morcego da porta principal*
estão por toda a paulista
vendo *o homem que engarrafava nuvens*
os conjurados de agora
estão na feira da praia grande
amontoados nos pés sujo da tia amélia e da tia lulu
discutindo as miudezas do belo

Recanto

maria bazile está na esquina da Roosevelt
erguendo no tempo
a mão que ninguém afaga
na tarde fria
aquela escultura triste
sobre o caixote
emalada por cobertores envelhecidos
e meias que escondem
as linhas cinzas de um prazer infantil
toma o espaço
como se saísse
de um enorme sambaqui
mas o ao redor é uma entidade
que possui a delicadeza dos fones de ouvido
num exercício diário de religare
circunscrito à assepsia do tímpano

Celebridade

Andy Warhol
estação pinacoteca em sp
a garota de Guaianazes
da escola vilma flor
desmaia
pegara o trem às 6 da manhã
e às 11h ainda não tinha provado
da campbell's condensed soup

Amor

é dia dos namorados
atravesso o coração
do Parque da Luz
uma palhaça solitária
toca flauta pra ninguém
os tocadores de viola
lembram aqueles retratos
na parede de entes mortos
tristonhos como bois na estrada
o desolo das velhas prostitutas
é um carnaval invisível
no coração
do parque da luz
fazem 12º
natureza e arte são
mais que uma tese de doutorado
são mais que as alucinações
de um xamã
valem um programa de R\$ 15
na estranheza da boca banguela sorrindo
te oferecendo um buraco morninho

Família

sempre fomos poucos
três mulheres e um homem
os rituais em torno da mesa
tinham como imagem respeitosa
restinhos de comida
que a mãe deixava cair
pelos cantos dos lábios
o movimento concentrava
um aprendizado insuspeito
de pertencimento
para bem depois se tornar
um desenho arqueológico da ausência
o homem cresceu solitário
passando máquina zero na cabeça
para ampliar a sozinhez
e assim como os xavantes
comunicar a saudade
as mulheres bordaram no tempo
duas cadeiras a menos

Outdoor

recupero a vida
na caixa de entrada do celular
mas percebo que os chinelos
debaixo da cama ficaram de fora
utilizo a passagem subterrânea da Consolação
como quem brinca de esconde-esconde
para nunca mais ser achado
retorno à velocidade das coisas
como uma máquina de lavar
abandonada na porta do cemitério
respeito muito as pessoas
que lidam mal consigo mesmas
pois tocam a origem e o fim da vida
o tempo inteiro
um dia os arqueólogos se debruçarão
sobre a memória de um domingo
e assistirão crianças bicicletas
cachorros homens e mulheres
se divertindo numa sessão de cinema 5D
e verão por trás dos óculos escuros
um Caps Lock pedido de socorro

Metrô

a menina dança
solitária na estação
uma espécie de coreografia
da vida interior
estamos no subterrâneo
as pessoas educadamente frias
trocam sorrisos e sussurram entre si
nada que ultrapasse os 16º
lá em cima
tudo está parado
a Rebouças e a Consolação
são noivas que se atrasam

Kopenhagen

é difícil prever
quando a vida vai se abrir
e acender um palito de fósforo
na curvatura da tua solidão
como um segredo
que ao invés de ser guardado
dentro de uma árvore
é despejado sobre quem existe no teu silêncio
a mão do invisível é uma língua de gato
que passeia pelos olhos
e move dentro os escuros
e como uma caixa de chocolate e um filme
que se ganha de presente
pode muito bem ser um convite
para povoá-los
os escuros
em segredo

Deixa

quando termina a cena
a bela atriz se dirige para a coxia
com gestos bem pequenos
começa a tirar o figurino
quando está nuazinha
olha para o ator
sentado no escuro banco azul
e se mostra
como "*a poesia andando*" que sempre foi
e o beija
um pouco antes tinha dado a ele
os adereços para guardá-los em sua bolsa
agora assim nuazinha
pergunta se ele já conhece aquela calcinha
ele responde que sim
que conhece todas as suas calcinhas
e que se ela é "*a poesia andando*"
ele é a poesia parada
com o corpo formigando
começa a imaginar que há pessoas
que martelam o nada a vida inteira
e nunca param para ver o que construíram
os dois rumam para a última cena
mas antes entreolham-se

SÚMULA BIOGRÁFICA DO AUTOR

Dyl Pires, 40, poeta e ator maranhense, graduado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão. Radicado em São Paulo, integra a Cia de Teatro Os Satyros, onde atualmente está em cartaz com o espetáculo “Roberto Zucco”. Entre 1998 e 2008, exerceu a função de crítico teatral, publicando nos principais jornais da cidade de São Luís. Como poeta, teve poemas publicados no Jornal Rascunho de Literatura, Antologia Safra 90, Concertos no Carnegie Hall, Antologia do Festival Maranhense de Poesia Falada, entre outros. Premiado por três vezes no Concurso Literário e Artístico Cidade de São Luís, foi vencedor do XII Festival Maranhense de Poesia Falada. Recentemente ficou em primeiro lugar no 5º Concurso de Poesia do Espaço dos Parlapatões, com o poema "Família". Tem publicado a obra "O Círculo das Pálpebras" (poesias); possui inéditos: "O Perdedor de Tempo", “A Menina de Pé Trocado”, "A Alegria é um Antigo Caderno de Caligrafia" e "O Torcedor".